

O OLHAR DE NISE DA SILVEIRA SOBRE A OBRA DE JUNG.

Eliane Dias de Castro

No campo da Terapia Ocupacional, Nise da Silveira sempre foi uma referência importante, para mim e para tantos outros profissionais atuantes na área da Saúde Mental. Por um lado Nise foi precursora de uma prática abrangente inovadora e demonstrou sua capacidade de articular áreas de conhecimento para buscar soluções para a realização do desenvolvimento humano superando abismos entre as ciências da vida e do homem. Para ela, a Arte foi concebida como possibilidade de resgate de vidas e de melhora na qualidade do cotidiano de pessoas marginalizadas socialmente. Em sua prática profissional demonstrou coragem frente a criação de novas oportunidades aos loucos, numa época em que a Psiquiatria no Brasil ainda não havia sido colocada em discussão, internações e tratamentos arcaicos eram bases dessa psiquiatria asilar. Ao longo de sua vida buscou um aprofundamento na Psicologia Analítica de Jung, o que demonstrou sua necessidade em ultrapassar o simples entendimento dos sintomas e reconhecer a complexidade do mundo psíquico.

Sua iniciativa para a criação dos ateliês de pintura, modelagem e de tantas outras atividades humanas como possibilidades de tratamento, abrangeu a criação de exposições e também do Museu de Imagens do Inconsciente, com envolvimento de um outro público - artistas, críticos de arte e a sociedade mais ampla - na apreciação e principalmente na denúncia de práticas psiquiátricas que em seu cotidiano não levam a transformações essenciais.

Como comenta Jurandir Freire Costa (Estrada, 1987, p.21):

“ Dra. Nise ama o belo, isto é inequívoco. Porém no coração da loucura ela busca algo além da beleza. A beleza foi um meio eloqüente

de dizer: Vejam o que a psiquiatria asilar pode fazer com quem faz aquilo que tanto admiramos. A beleza nas imagens do inconsciente é denúncia. Denúncia do asilo, do exercício burocrático das profissões psiquiátricas e da sociedade, que cultiva tais deformidades”.

Neste trabalho, a partir de leituras de uma bibliografia extensa, porém essencial, percorreremos alguns dados biográficos de Nise, para situá-la e contextualizá-la. Faremos uma passagem gradual entre sua vida, seu encontro com Jung e focalizaremos seu olhar sobre a obra desse médico suíço que a encorajou seguir na atividade clínica em oficinas e ateliês de artes plásticas por aproximadamente 40 anos, relataremos algumas características desses ateliês, cuja atmosfera de convívio fez emergir *“ o imprevisível, a diferença, a criatividade”* e cujas obras retratam processos transformadores (Estrada, 1987, p.21).

ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

Nise da Silveira, atualmente com 95 anos, nasceu em Maceió, Alagoas e aos 16 anos ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, sendo a única mulher da turma. Conta que isto fez com que decepçionasse sua mãe, musicista, pois abandonou o estudo de piano e que seu pai, professor de matemática, deu-lhe alguns conselhos:

“ Quem se mete a lobo, que lhe vista a pele”, e “ Sempre se solidarize com os mais fracos e nunca aceite o privilégio de ser mulher “. A esses conselhos ela relaciona sua opção pelos loucos, que percorrem um mundo marginal em nossa sociedade. Sua tese de conclusão do curso de Medicina, aos 21 anos foi sobre a criminalidade entre as mulheres baianas - estudou casos de assassinas, ladras e prostitutas do presídio de Salvador. Logo começou a trabalhar em Psiquiatria, e seu interesse maior concentrou-se na pesquisa de outras formas de tratamento do que nos métodos empregados em sua época (choque insulínico, eletrochoque, lobotomia). Suas palavras sobre seu envolvimento na psiquiatria são:

“Eu queria saber o que vai dentro da pessoa, queria saber o que passa na cabeça do doente tanto quanto pudesse, conhecer a psique,

este espaço da natureza que se chama psique. Fazer uma exploração, como quem faz uma exploração da floresta amazônica". (ESTRADA, 1987, P.2)

Em 1936, durante o Estado Novo brasileiro foi presa durante 16 meses por motivos políticos. Conta-se que foi denunciada como comunista por uma enfermeira do Hospital Pinel, onde trabalhou 6 anos como médica residente. A enfermeira por causa disto foi surrada por uma paciente. Na prisão a presença da psiquiatra é descrita, por Graciliano Ramos, como benfeitora pois para ele as conversas boas de Nise afugentavam as lembranças ruins: - *"Ela esquecia os próprios males e ocupava-se dos meus"*. Foi ela quem me ensinou a jogar "crapaud" para distrair-me do cotidiano terrível, e quem o introduziu ao *"Mundo do Caralampio"*, o reino da imaginação - refúgio para a falta total de privacidade. Após esse encontro, Nise apareceu como personagem em Memórias do Cárcere. (SÁ, 1987, p.2)

Em liberdade, ela consegue, após 8 anos de desemprego, a reintegração ao serviço público, sendo readmitida no Centro Psiquiátrico Pedro II em 1944, iniciando então suas primeiras experiências de Terapia Ocupacional com a organização de um setor especializado para atender aos quatro hospitais do Centro. A partir daí seu ceticismo em relação a psiquiatria tradicional cresceu. Não se adaptou a violência dos métodos de tratamento ao doente mental. Em Imagens do Inconsciente (SILVEIRA, 1981, P.11) relata:

"Meu trabalho não se inspirou na psiquiatria predominante, caracterizada pela escassa atenção que se concede aos fenômenos intrapsíquicos em curso durante a psicose. Ao contrário, meu interesse maior desde cedo dirigiu-se no sentido de penetrar, pouco que fosse, no mundo interno do esquizofrênico".

João A. Frayze-Pereira relata os questionamentos de Nise neste sentido: *"Por que o pesquisador se deterá apenas no estudo dos acontecimentos cada vez mais agressivamente evidentes dessa nossa*

época tão conturbada que empurram o indivíduo para a loucura? Por que se contentará com o registro de sintomas imediatamente acessíveis, isto é, dos fenômenos de desadaptação, de dissociação, de desagregação da personalidade consciente? Por que desprezará a investigação em profundidade do obscuro mundo intrapsíquico e não tentará descobrir as riquezas daquele lado da psique que está voltado para longe de nós?" (Nise da Silveira in Frayze-Pereira, 1995, p.95).

Dirigiu, por 28 anos (1946-1974) a seção de Terapia Ocupacional no Centro Psiquiátrico Pedro II, Rio de Janeiro, dedicando seus momentos ao ateliê de pintura pode observar grandes transformações nos usuários, observações que vieram reformular os conceitos mais clássicos da psiquiatria.

Neste tempo de atuação criou o Museu de Imagens do Inconsciente, fundado em 1952, possuidor de um acervo de 250 mil obras, que é hoje muito importante na revelação humana dos *"estados perigosos do ser"*. Criou também a Casa das Palmeiras, fundada em 1956, exemplo precursor de passagem indispensável entre o hospital psiquiátrico e o meio social.

Para ela, o exercício de múltiplas atividades ocupacionais revelava, por inúmeros indícios, que o mundo do psicótico encerra insuspeitadas riquezas e as conserva mesmo depois de longos anos de doença, contrariando conceitos estabelecidos. E, dentre as diversas atividades praticadas na Terapia Ocupacional, aquelas que permitiam maior acesso aos fenômenos internos eram desenho, pintura, modelagem, feitos livremente. Na escola viva que eram os ateliês de pintura e modelagem, constantemente levantavam-se problemas sobre as condições do tratamento psiquiátrico da hospitalização e também sobre a compreensão do dinamismo psíquico presentes na esquizofrenia. Dificuldades que conduziam a estudos apaixonantes e muitas vezes tornavam necessária a procura de ajuda fora do campo da psiquiatria - na psicologia, na arte, nos mitos, religiões, literatura, onde profundas emoções humanas sempre encontraram formas de expressão.

Ao longo de aproximadamente 50 anos de um trabalho único, Nise demonstra *“uma impecável erudição em mitologias antigas, história das religiões e história da arte, cuja aventura intelectual e humana é uma das mais belas e comoventes que o Brasil já presenciou”*. (Couto, Folha de São Paulo, 1992).

Para ela, o mais importante acontecimento ocorrido nas suas buscas sobre os dinamismos da psique foi o encontro com a psicologia Junguiana e com seu método de investigação.

O ENCONTRO DE NISE COM JUNG

“Quando há um alto grau de crispação da consciência, muitas vezes só as mãos são capazes de fantasia”. Nise escolheu cuidadosamente esta frase de Jung para iniciar a descrição de seu trabalho na Terapia Ocupacional. Para ela esta deve colocar ao alcance das pessoas as manifestações que através de milênios a humanidade usou para exprimir-se: dança, representações mímicas, pintura, modelagem, música. E complementa:

“Foi através da observação das atividades de meus pacientes que rompi com a psiquiatria clássica e meu encontro com Jung ofereceu-me, novos instrumentos de trabalho, chaves, rotas para distantes circunavegações. Delírios, alucinações, gestos, estranhíssimas imagens pintadas ou modeladas por esquizofrênicos, tornavam-se menos herméticas se estudadas segundo seu método de investigação. E também não lhe faltava o calor humano de ordinário ausentes dos tratados de psiquiatria.” (SÁ, 1987, p.4).

O seu encontro com Jung partiu de sua própria iniciativa. Em 1954, reuniu centenas de desenhos, e enviou algumas fotografias a Jung, buscando auxílio para interpretação. A resposta não demorou: os desenhos indicavam uma tendência inconsciente a compensar o caos interior procurando o ponto central da psique (o self - princípio e arquétipo da orientação e do sentido) em uma tentativa de reconstrução da personalidade cindida. Os desenhos dos pacientes apresentavam

formas circulares semelhantes às mandalas, imagens utilizadas nas religiões orientais como instrumento de concentração. Desde a pré-história, o círculo é um símbolo carregado de sentido para o ser humano, um símbolo mágico, assim visto entre egípcios, gregos, celtas e outros povos, que expressa a totalidade psíquica em todos os seus aspectos. (ESTRADA, 1987, p.25).

Em 1957, Nise teve uma entrevista com Jung e comentou: “Era um homem impressionante, olhos atentos, poucas palavras”. Conta que assim que Jung a viu, perguntou: “Que fantasias tem sobre a minha pessoa?” “Todas”, ela respondeu. O psiquiatra suíço aconselhou-a a estudar mitologia para compreender melhor os delírios dos doentes e as suas pinturas, que teve oportunidade de ver expostos em Zurique, durante um congresso em psiquiatria, na mesma ocasião. Ele lhe disse: “Sua exposição me intrigou muito” Nise conta que “ficou de orelha em pé”, esperando o que vinha em seguida. E Jung comentou: “Seu serviço deve ser um lugar onde as pessoas não têm medo do inconsciente”. “Considereei isso um galanteio de Jung”, diz Nise. (ESTRADA, 1987, p.26)

Além desse encontro, sua experiência analítica com Marie Louise Von Franz, uma das principais colaboradoras de Jung foram marcos decisivos em seu destino profissional.

Nise considera-se autodidata, e o caminho que lhe dera alegria maior fora percorrer com ajuda da psicologia junguiana o mundo interno dos pacientes. Para ela, o terapeuta, que está ao lado dos pacientes, precisa ter muita paciência e tato para não apressar as coisas. Para tentar entender delírios, pinturas e a expressão dos pacientes Jung sugeriu o estudo da Mitologia, pois para ele, sem o conhecimento da mitologia fica difícil a compreensão desses conteúdos como também o entendimento da significação das imagens que eles desenhem ou pintem. Já, a experiência de Nise com a psicologia junguiana, com a literatura e a Arte, principalmente referendada nas obras de Artaud e outros artistas contemporâneos como Paul Klee e Kandinsky, acrescentadas da própria mitologia, instrumentalizaram-na para a compreensão das metamorfoses

do ser, das suas transformações, e para a investigação da incansável trajetória do homem em busca do seu mito. Para Jung os mitos são manifestações originais da estrutura básica da psique. Por isso seu estudo deveria orientar a prática com pacientes psiquiátricos.

IDÉIAS E CONCEITOS JUNGUINOS QUE SERVIRAM DE ALICERCES NA PRÁTICA DE NISE

Para Nise, Jung *“estava consciente que suas descobertas eram incompatíveis com os fundamentos filosóficos da ciência de sua época e exigiam paradigmas inteiramente novos. Ele está a frente de nosso tempo, e apenas gradualmente vem sendo apreendidas suas descobertas nas diferentes áreas do saber humano.”* (Silveira, 1992, p. 165)

F. Capra associa à psicologia junguiana um lugar de vanguarda na ciência contemporânea. Diz ele:

“Com o reconhecimento de uma crescente compatibilidade e coerência entre a psicologia e a ciência moderna,... as idéias de Jung acerca do inconsciente humano, da dinâmica dos fenômenos psicológicos, da natureza da doença mental e do processo de psicoterapia exercerão forte influência sobre a psicologia e a psicoterapia do futuro” (CAPRA, 1988, p.355 In: SILVEIRA, 1992, P. 162).

Para ele, as idéias de Jung acerca da dinâmica dos fenômenos mentais aproximam-se bastante da concepção sistêmica. Jung concebe a psique como um sistema dinâmico auto-regulador, caracterizado por flutuações entre pólos opostos. Desse modo considera o processo psíquico um processo vital, uma manifestação do dinamismo básico da vida.

Um outro ponto preliminar refere-se ao seu conceito de realidade. Atualmente observamos que o conceito de realidade vem se alterando. Para Nise, *“o conceito de realidade alarga-se cada dia mais e nos dá a perceber que a natureza, em sua intimidade, é mais complexa e mais interligada em todas as suas partes, e mais bela do que supúnhamos”*. Jung, já em 1935 define seu ponto de vista, contrário a opinião dominante de que sejam unicamente aceitos como reais os dados fornecidos pelos

sentidos de modo direto ou indireto. *“O inconsciente humano é uma parte da natureza, é algo objetivo, real, genuíno. Os produtos de sua atividade merecem o maior crédito, pois são manifestações espontâneas de uma esfera psíquica não controlada pelo consciente, livres em suas formas de expressão”* (SILVEIRA, 1992, p. 158). A realidade foi por ele considerada como a reunião de fenômenos externos e internos, racionais e irracionais compondo assim uma totalidade em si. Ela contém tudo quanto o homem pode conhecer, pois qualquer coisa que atue sobre ele é real e presente.

Jung reconhece os aspectos de natureza pessoal presentes no inconsciente, mas acredita que o inconsciente traz consigo um estrato mais profundo da psique, comum a toda a humanidade. Distingue portanto duas esferas na psique inconsciente: um inconsciente pessoal, pertencente ao indivíduo, e um inconsciente coletivo, elemento que distingue sua psicologia de todas as outras, elo de vínculo entre o indivíduo e a humanidade - *“de fato, num certo sentido, entre o indivíduo e o cosmo inteiro”* (CAPRA, 1988, p. 353). A investigação dos estratos mais profundos do inconsciente permite o reconhecimento da existência de *“disposições funcionais herdadas inerentes à própria estrutura psíquica, matizes onde tomam forma representações correspondentes a experiências primordiais da humanidade, movidas sob aspectos diferentes pelo homem de todos os tempos. Devido ao seu caráter universal, Jung denominou essas camadas mais profundas da psique inconsciente coletivo, e arquétipos às disposições herdadas para produzir imagens e pensamentos similares em toda parte do mundo e em todas as épocas. Os arquétipos são irrepresentáveis virtualidades. (...) Tais imagens são herdadas. Herdadas, inatas, são as disposições cujo dinamismo as configuram e lhes dá significação. Por isso apresentam sempre semelhanças nos seus traços fundamentais...”* (NISE, in. FRAYZE-Pereira, 1995, p.94)

Para Nise, o inconsciente foi o grande livro que incessantemente Jung se dedicou a decifrar, o inesgotável reservatório de onde retirou a matéria-

prima para a elaboração de sua psicologia. Através de suas observações e investigações de natureza mitológica e histórica, Jung nos atualiza sobre a importância dos símbolos elaborados no inconsciente. Reconhece na produção de imagens essa importância, bem como nas fantasias e nos delírios.

“Jung vê nos produtos da função imaginativa do inconsciente auto-retratos do que está acontecendo no espaço interno da psique, sem quaisquer disfarces ou véus, pois é peculiaridade essencial da psique configurar imagens de suas atividades por um processo inerente à sua natureza”. (SILVEIRA, 1992, p.84).

Nesse ponto, o trabalho realizado por Nise no acompanhamento de pacientes psiquiátricos encontra na psicologia Junguiana total respaldo. Jung, na tentativa de penetrar no íntimo de seus pacientes sugeria-lhes que pintassem. Nise, como psiquiatra, ofereceu aos pacientes, pincéis, tintas e papéis como facilitadores terapêuticos. Quando os pacientes de Jung lhes diziam que não sabiam pintar, Jung lhes respondia que não se tratava de reproduzir belas paisagens.

“Pintar aquilo que vemos diante de nós é uma arte diferente de pintar o que vemos dentro de nós.” (JUNG, In: SILVEIRA, 1992, p.86).

Nise, sem quaisquer coações, através de atividades diversas verbais ou não-verbais, recorrendo principalmente à pintura e à modelagem, permitiu que sintomas encontrassem oportunidade para se exprimirem livremente. A partir de suas observações compreendeu que o tumulto emocional tomava forma, despotencializava-se, e objetivavam forças auto-curativas que se moviam em direção à consciência.

O que importa, segundo JUNG, é o indivíduo dar forma, mesmo que rudimentar, ao inexprimível pela palavra: imagens carregadas de energia, desejos e impulsos. Somente sob a forma de imagens a libido poderá ser apreendida viva, e não esfiapada pelo repuxamento das tentativas de interpretações racionais.

“A energia psíquica faz-se imagem, transforma-se em imagem. Se

nos é difícil entendê-las de imediato, não é por serem máscaras de conteúdos reprimidos, mas por se exprimirem noutra linguagem diferente daquela que consideramos única - a linguagem racional. Exprimem-se por meio de símbolos ou de mitologemas, cuja significação desconhecemos, ou melhor, já esquecemos”. (SILVEIRA, 1992, p. 86).

Em sua prática Nise deparou-se com desenhos, pinturas e modelagens provenientes, segundo a psicologia analítica de dois tipos de imagens do inconsciente. Imagens que representam conteúdos do inconsciente pessoal - emoções e experiências vivenciadas pelo indivíduo, logo reprimidas, e imagens de caráter impessoal que se configuram a partir de disposições inatas inerentes às camadas mais profundas da psique. A esse segundo grupo, Jung denominou-as imagens arquetípicas.

“Configuram vivências primordiais da humanidade, semelhantes nos seus traços fundamentais, em toda parte do mundo, podendo revestir-se de roupagens diferentes de acordo com a época e as situações em que se manifestam, exprimindo, porém, sempre os mesmos afetos e idéias... tecem os temas míticos, que exprimem, condensam, as mais intensas experiências da humanidade. São emoções coletivas” (SILVEIRA, 1992, p. 86).

Muitos são os pontos de confluência entre a obra de Jung e a prática de Nise: Ambos acompanharam clinicamente pacientes esquizofrênicos em hospitais psiquiátricos, auxiliando-os na compreensão das profundas camadas da psique. Para isso utilizaram-se da observação atenta e paciente, da compreensão de que pouco chega até nós dos acontecimentos, das lutas que se desdobram no mundo interno do psicótico, pois estão “quebradas as pontes de comunicação” com o nosso mundo, da potencialização da atenção aos fragmentos de frases que o paciente pronuncia, à sua mímica, à sua postura. Ressaltaram que menos difícil será estudar as imagens que ele desenhe, pinte ou modele. Sugerem portanto que neste campo o terapeuta terá de equipar-se de conhecimentos de mitologia, história das religiões, antropologia cultural, arte, a fim de ser capaz de estabelecer relações entre as imagens e os símbolos por elas

transmitidos. A tarefa será estabelecer conexões entre as imagens e a situação emocional do indivíduo.

PARA TERMINAR

Conhecer o percurso de Nise é prazeroso e estimulante. Através dela, penetramos na beleza plástica das produções de pacientes freqüentemente considerados marginais à sociedade, produções estas que nada devem aos padrões culturais da arte.

“O que Nise propõe, num percurso que vai do psíquico ao artístico, não é apenas uma leitura arquetípica, embora ela seja predominante, mas também uma leitura do psíquico pelos mecanismos de constituição da arte.” “A vontade de “formar” o mundo é muito mais profunda nas expressões do inconsciente.” (FABRIS, in: FRAYZE-Pereira, 1993, p.14 e 15).

Além disso, Nise nos remete ao drama das interações e práticas psiquiátricas desenvolvidas nos meados do século XX, à brutalidade e à crueldade científica desenvolvida neste campo, e cria um contraponto pleno de humanidade descrevendo-nos suas experiências com a Terapia Ocupacional, lembrando-nos aqui que apesar das posições teóricas e técnicas utilizadas, cada um trabalha com o instrumento que prefere, o instrumento mais de acordo com sua natureza.

Ao realizar sua prática psiquiátrica Nise reconhece em Jung um referencial no qual pode mergulhar. Neste artigo destacamos apenas alguns pontos importantes neste encontro, porém a leitura dos livros de Nise demonstram um envolvimento profundo e transformador com a psicologia junguiana.

Construindo Ateliês com atmosfera de apoio emocional e local de expressão de imagens do inconsciente, Nise ressalta a importância de um afeto catalisador - ponto de referência para os pacientes na realidade interna e externa. Seus ateliês, devido a grande quantidade de desenhos e pinturas produzidas, adquiriram grande interesse científico e artístico. O entrosamento com artistas auxiliaram Nise na organização de exposições

e também na sistematização do Museu de Imagens do Inconsciente, bem como na investigação da importância da arte nos processos terapêuticos.

Nos dias atuais, a obra de Nise e todos os referenciais teóricos que ela utiliza refletem a maturidade de quem pôde, no emaranhado científico de nossa época, manter vivo o espírito, observando e pesquisando incansavelmente, examinando o resultado com inteligência livre de enquadramentos limitadores.

“Cada visão de mundo é uma concepção entre muitas outras também formuladas. Não há estruturas absolutamente válidas; todos os modelos da existência são relativos”(VON FRANZ, M.Louise, In: SILVEIRA, 1992, p. 161).

BIBLIOGRAFIA:

CAPRA, F.(1988). *“O ponto de mutação”* São Paulo, Cultrix.

COUTO, J.(1992). Geraldo - Psiquiatra expõe subterrâneos da esquizofrenia. Folha de São Paulo.

ESTRADA, M. Ines D.(1987). *“Viagem ao Reino dos Homens Tristes”*. Ciência Hoje, vol.6, nº.34,agosto.

FRAYZE-PEREIRA, J.A.(1995). *“Olho D’água. Arte e loucura em exposição”*. SP, Escuta e Fapesp.

IGNACIO, Octávio.(1978). *“Os cavalos de Octávio Ignacio”*. Rio de Janeiro, Sociedade Amigos do Museu das Imagens do Inconsciente/ Funarte.

JUNG, C. G.(1975). *“Memórias, sonhos e reflexões”* Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

_____ (1985). *“O espírito na Arte e na Ciência”*. Petrópolis, Vozes.

_____ (1978). *“A natureza da psique”*

LISBOA, L.C.(1987). *"O mundo contemporâneo é impaciente"*. O Estado de São Paulo.

SÁ, Gisela C. Lima de.(1987). Nise da Silveira Trabalho de conclusão de curso para a disciplina de Pos-Graduação - *"A produção Artística de Mulheres Inovadoras"* - Rio de Janeiro, século XIX e início do séculoXX, ECA-USP.

SILVEIRA, Nise.(1981) *"Jung, vida e obra"*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

_____.(1981). *"Imagens do Inconsciente"*. Rio de Janeiro, Alhambra.

_____.(1992). *"O mundo das Imagens"*. São Paulo, Ática.